

The Children's Perception of Interparental Conflict Scale: Análise Factorial Confirmatória com Adolescentes e Jovens Adultos

Octávio Moura, Rute Andrade dos Santos & Paula Mena Matos

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade do Porto

Poster apresentado:

XI Conferência Internacional – Avaliação Psicológica: Formas e Contextos

5, 6 e 7 de Outubro de 2006 – Universidade do Minho

RESUMO

Tendo por base a teoria cognitiva-contextual desenvolvida por Grych e Fincham, este estudo descreve o processo de adaptação do "The Children's Perception of Interparental Conflict Scale" (CPIC; Grych, Seid, & Fincham, 1992), um questionário de auto-relato que avalia a percepção que as crianças e os jovens têm relativamente ao conflito entre as figuras parentais, com duas amostras portuguesas independentes, uma de adolescentes (n=346) dos 14 aos 18 anos e a outra de jovens adultos (n=331) entre os 18 e os 25 anos. As qualidades psicométricas do instrumento foram analisadas a partir de procedimentos de análise factorial confirmatória e de avaliação da consistência interna das dimensões, apresentado indicadores bastante adequados.

OBJECTIVO

O presente estudo tem como objectivo principal testar o *The Children's Perception of Interparental Conflict Scale* (CPIC; Grych, Seid, & Fincham, 1992) com duas amostras independentes portuguesas. Para o efeito, recorreremos ao procedimento estatístico da análise factorial confirmatória, não apenas com uma amostra de adolescentes, tal como tem sido utilizado pelas diversas investigações que aplicaram este mesmo instrumento, como também procurámos testar se o modelo se adapta a uma amostra de jovens adultos.

PROCEDIMENTO

A administração do CPIC ocorreu em contexto de turma, em escolas e faculdades da área metropolitana do Porto e de Viana do Castelo, juntamente com a aplicação de outros instrumentos.

CARACTERIZAÇÃO DO INSTRUMENTO

O *The Children's Perception of Interparental Conflict Scale* (CPIC; Grych et al., 1992) é um questionário de auto-relato que pretende avaliar a percepção que as crianças e os jovens têm relativamente ao conflito entre as figuras parentais. Tem por base a teoria cognitivo-contextual desenvolvida por Grych e Fincham (1990), que procura compreender a relação entre o conflito interparental e o ajustamento dos filhos, o qual varia em função das características do conflito, de factores contextuais e o nível de desenvolvimento cognitivo da criança. Os autores procuraram identificar determinados factores que podem ter um impacto significativo na forma como as crianças compreendem e reagem ao conflito. No sentido de avaliar estas características, elaboraram um questionário de auto-relato composto por 49 itens organizados em 9 escalas: *Frequência*, *Intensidade*, *Resolução*, *Conteúdo*, *Percepção de Ameaça*, *Eficácia*, *Culpa*, *Triangulação* e *Estabilidade*. Cada um dos itens do CPIC utiliza uma escala tipo Likert, com seis alternativas de resposta, que vão desde “*Discordo Totalmente*” a “*Concordo Totalmente*”.

Após análises factoriais exploratória e confirmatória, e ainda da consistência interna, Grych e a sua equipa optaram por reorganizar as 9 escalas em 3 grandes dimensões:

- **Propriedades do Conflito** – Avalia a percepção do jovem relativamente a uma forma destrutiva de conflito parental. Fazem parte os itens das escalas *Frequência*, *Intensidade* e *Resolução*.
- **Ameaça** – Fazem parte os itens das escalas *Percepção de Ameaça* e *Eficácia*, sendo avaliada a percepção de ameaça e de medo desencadeado pelo conflito associado a um sentimento de incompetência pessoal para lidar com esse mesmo conflito.
- **Culpa** – Avalia a percepção dos sujeitos em se autoculpabilizarem pelo conflito dos pais. Fazem parte desta dimensão os itens das escalas *Conteúdo* e da *Culpa*.

Nesta reorganização em três dimensões os autores eliminaram as escalas *Estabilidade* e *Triangulação*, por saturarem em diferentes factores nas amostras estudadas.

CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA

AMOSTRA 1 – Adolescentes

N = 346

Género

Masculino	153 (44.2%)
Feminino	193 (55.8%)

Idade

Dos 14 aos 18 anos
Média = 15.96
D.P. = 1.29

Escolaridade

7º ao 9º ano	89 (25.7%)
10º ao 12º ano	254 (73.4%)
Universidade	3 (0.9%)

Estrutura Familiar

Famílias intactas	295 (85.3%)
Famílias divorciadas	51 (14.7%)

Idade do adolescente na altura da separação dos pais Média = 9.24
D.P. = 4.30

Tempo decorrido desde a separação dos pais Média = 6.41
D.P. = 4.31

AMOSTRA 2 – Jovens Adultos

N = 331

Género

Masculino	106 (32.0%)
Feminino	225 (68.0%)

Idade

Dos 19 aos 25 anos
Média = 21.15
D.P. = 1.71

Escolaridade

5º e 6º ano	3 (0.9%)
7º ao 9º ano	15 (4.5%)
10º ao 12º ano	273 (82.5%)
Universidade	40 (12.1%)

Estrutura Familiar

Famílias intactas	273 (82.5%)
Famílias divorciadas	58 (17.5%)

Idade do adolescente na altura da separação dos pais Média = 11.4
D.P. = 7.26

Tempo decorrido desde a separação dos pais Média = 10.38
D.P. = 7.00

Aos participantes provenientes de famílias intactas sugeriu-se que se reportassem às experiências actuais de conflito interparental, enquanto que aos participantes oriundos de famílias divorciadas foi solicitado que se referissem às situações de conflito interparental que antecederam a separação dos pais.

RESULTADOS

Consistência Interna

Após uma análise inicial da consistência interna dos 49 itens do instrumento original optamos por eliminar o item 9 (*Frequência*), o item 16 (*Triangulação*) e o item 48 (*Culpa*), uma vez que se verificou uma melhoria substancial da consistência interna dessas três escalas. Em todas as análises subsequentes estes três itens encontram-se omissos (ver *Tabela 1*).

Tabela 1 – Consistência Interna

	AMOSTRA 1 14 – 18 anos N= 346	AMOSTRA 2 19 – 25 anos N= 331	Grych, Seid & Fincham (1992) 9 – 12 anos		Bickham & Fiese (1997) 17 – 21 anos N= 215	
			Amostra 1 N= 222	Amostra 2 N= 114		
ESCALAS	Frequência	.81	.80	.70	.68	---
	Intensidade	.82	.84	.82	.80	---
	Resolução	.86	.87	.83	.82	---
	Ameaça	.82	.79	.82	.83	---
	Eficácia	.67	.69	.69	.65	---
	Conteúdo	.74	.65	.74	.82	---
	Culpa	.63	.52	.61	.69	---
	Triangulação	.60	.59	.71	.62	---
Estabilidade	.79	.79	.65	.64	---	
DIMENSÕES	PROP. CONFLITO	.93	.94	.90	.89	.95
	AMEAÇA	.79	.81	.83	.83	.88
	CULPA	.80	.75	.78	.84	.85

Análise Correlacional

Da análise correlacional observa-se que as escalas da mesma dimensão apresentam correlações elevadas entre si em ambas as amostras, à exceção das escalas da dimensão *Culpa*. Saliente-se ainda que no tocante às duas escalas não incluídas no modelo final (7 escalas e 3 dimensões) observou-se que a *Estabilidade* apresenta valores correlacionais adequados com as três escalas da dimensão *Propriedades do Conflito* em ambas as amostras, enquanto que a *Triangulação* revela correlações mais elevadas com as duas

escalas da dimensão *Culpa* para a Amostra 1 e com as três escalas da dimensão *Propriedades de Conflito* para a amostra 2 (ver *Tabela 2*).

Tabela 2 – Correlações de Pearson para a Amostra 1 e Amostra 2

	Freq.	Intens.	Res.	Ame.	Eficá.	Cont.	Culpa	Triang.	Estab.
Frequência		.83**	.67**	.43**	.39**	.23**	.18**	.33**	.56**
Intensidade	.80**		.69**	.47**	.41**	.27**	.22**	.37**	.61**
Resolução	.74**	.76**		.32**	.39**	.10	.11*	.37**	.66**
Ameaça	.51**	.51**	.41**		.31**	.19**	.30**	.34**	.29**
Eficácia	.46**	.51**	.50**	.37**		.24**	.12*	.13*	.29**
Conteúdo	.19**	.15**	.13*	.20**	.18**		.63**	.39**	.17**
Culpa	.09	.08	.07	.15**	.02	.55**		.42**	.14*
Triangulação	.44**	.43**	.40**	.32**	.15**	.36**	.34**		.34**
Estabilidade	.65**	.68**	.70**	.44**	.43**	.13*	.02	.41**	

Nota: *Amostra 1* – As correlações encontram-se acima da diagonal; *Amostra 2* – As correlações encontram-se abaixo da diagonal. ** $p < .01$; * $p < .05$

Análise Factorial Confirmatória

A análise factorial confirmatória foi realizada utilizando o programa AMOS 5.0, de modo a testar à *priori* o ajustamento do modelo teórico às amostras em estudo (Bryant & Yarnold, 1995; Maia, 1996). Foi testado o modelo das 7 escalas distribuídas pelas 3 dimensões proposto originalmente por Grych et al. (1992) nas duas amostras. Os principais índices de ajustamento demonstram um adequado ajustamento do modelo quer para a amostra dos adolescentes quer para os jovens adultos (ver *Tabela 3*).

Note-se que no seguimento dos resultados obtidos pelos autores do instrumento, o modelo de nove escalas também não se ajustou às duas amostras em estudo.

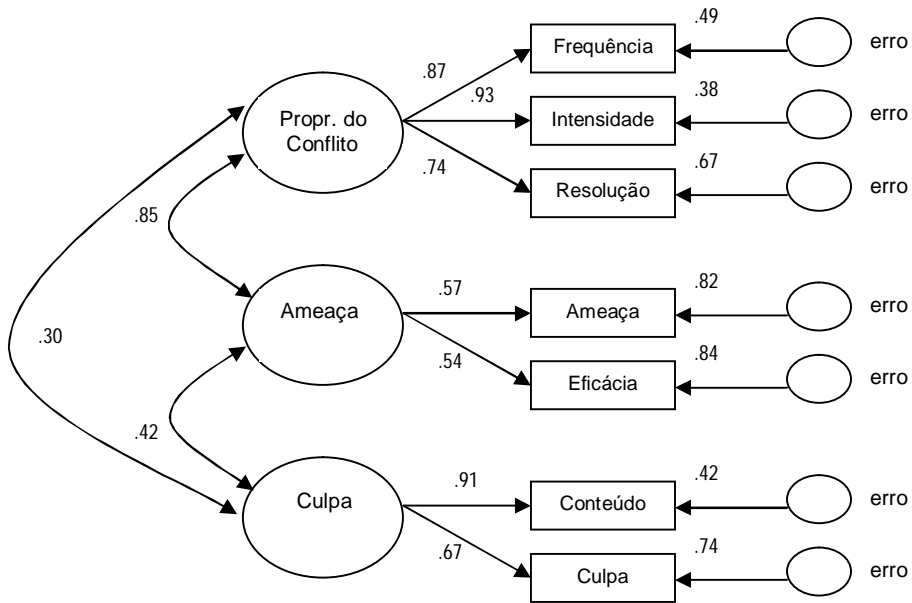


Figura 1 – Análise Factorial Confirmatória para a Amostra 1

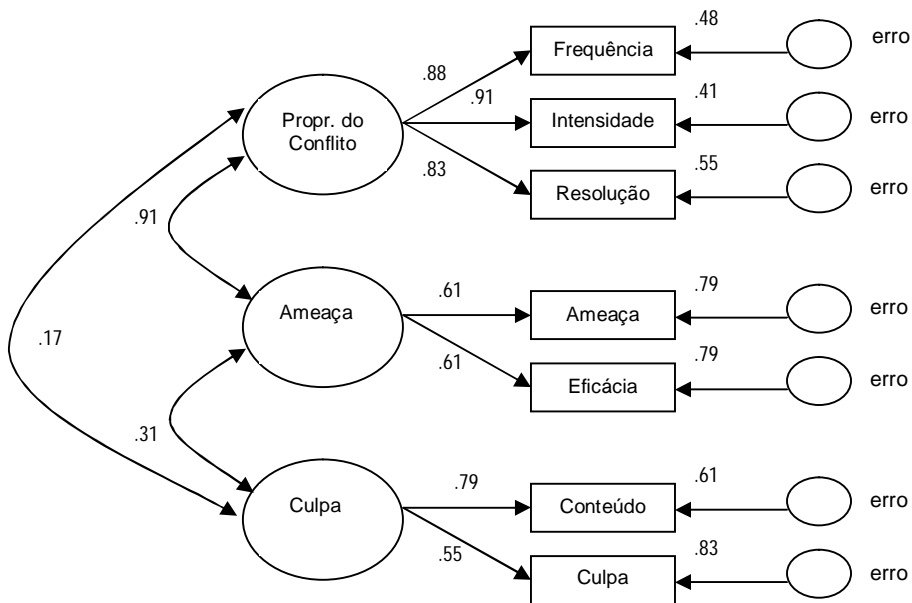


Figura 2 – Análise Factorial Confirmatória para a Amostra 2

Tabela 3 – Índices de Ajustamento

	RMR	GFI	AGFI	CFI	RMSEA	
Amostra 1	.034	.971	.927	.974	.084	$\chi^2 (11) = 38.076, p = .000$ $\chi^2/df = 3.46$
Amostra 2	.023	.984	.959	.992	.048	$\chi^2 (11) = 19.287, p = .056$ $\chi^2/df = 1.75$

Nota: RMR = *Root Mean Square Residual*; GFI = *Goodness of Fit Index*; AGFI = *Adjusted Goodness of Fit Index*; CFI = *Comparative Fit Index*; RMSEA = *Root Mean Square Approximation*

Uma vez que se observaram correlações bastante satisfatórias entre a escala *Estabilidade* e as três escalas da dimensão *Propriedades do Conflito*, optámos por incluí-la na referida dimensão, num segundo modelo testado. Os resultados obtidos revelaram um bom ajustamento do modelo, mas apenas para a amostra dos jovens adultos (RMR=.027; GFI=.973; AGFI=.944; CFI=.985; RMSEA=.060; $\chi^2 (17) = 36.922, p = .003; \chi^2/df = 2.17$).

DISCUSSÃO

A estrutura factorial original da escala utilizada no modelo de Grych, Seid e Fincham (1992) apresentou qualidades psicométricas adequadas nas duas amostras portuguesas de adolescentes e jovens adultos. Estes resultados são consistentes com estudos anteriores que procuraram adaptar o instrumento a amostras de outras nacionalidades (Chi & Xin, 2003; Ulu & Fisiloglu, 2002) e diversas investigações que utilizaram o instrumento em amostras americanas (Cummings, Davies, & Simpson, 1994; Grych, Harold, & Miles, 2003; Grych, Raynor, & Fosco, 2004; Kline, Wood, & Moore, 2003; Skopp, McDonald, Manke, & Jouriles, 2005) e em amostras de jovens adultos (Bickham & Fiese, 1997).

Uma vez que observámos uma correlação moderada entre a *Estabilidade* e as três escalas da dimensão *Propriedades do Conflito*, num segundo modelo, optámos por incluí-la nesta dimensão. Com efeito, os nossos resultados foram consistentes com os de Bickham e Fiese (1997), confirmando a hipótese de que estes itens parecem ter um significado diferente para os adolescentes e os jovens adultos, na medida em que implicam competências cognitivas mais sofisticadas, ou seja, uma maior capacidade de compreensão da intenção no comportamento dos pais. É de salientar que, muito embora o estudo da *Triangulação* possa constituir um elemento fundamental para a compreensão do conflito interparental, os itens que compõem esta escala não se ajustam adequadamente ao

modelo, à semelhança das anteriores investigações. Desta forma, emerge a necessidade da sua revisão em posteriores estudos que utilizem este instrumento.

Em suma, consideramos que o presente estudo, para além de proporcionar a adaptação para a língua portuguesa de um questionário de conflito interparental, ao utilizar duas amostras de indivíduos em períodos desenvolvimentais distintos, poderá contribuir para aprofundar o conhecimento de alguns dos factores do conflito interparental com repercussões negativas no desenvolvimento dos mesmos.

BIBLIOGRAFIA

- Bickham, N. L., & Fiese, B. H. (1997). Extension of the Children's Perception of Interparental Conflict Scale for use with late adolescents. *Journal of Family Psychology, 11*, 246-250.
- Bryant, F. B., & Yarnold, P. R. (1995). Principal-components analysis and exploratory and confirmatory factor analysis. In L. G. Grimm & P. R. Yarnold (Eds.), *Reading and understanding multivariate statistics* (pp. 99-136). Washington, DC: American Psychological Association.
- Chi, L., & Xin, Z. (2003). The revision of children's perception of marital conflict scale. *Chinese Mental Health Journal, 17*, 554-556.
- Cummings, E. M., Davies, P. T., & Simpson, K. (1994). Marital conflict, gender and children's appraisals and coping efficacy as mediators of child adjustment. *Journal of Family Psychology, 8*, 141-149.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin, 108*, 267-290.
- Grych, J. H., Harold, G. T., & Miles, C. J. (2003). A prospective investigation of appraisals as mediators of the link between interparental conflict and child adjustment. *Child Development, 74*, 1176-1193.
- Grych, J. H., Raynor, S. R., & Fosco, G. M. (2004). Family processes that shape the impact of interparental conflict on adolescents. *Development and Psychopathology, 16*, 649-665.
- Grych, J. H., Seid, M., & Fincham, F. D. (1992). Assessing marital conflict for the child's perspective: The Children's Perception of Interparental Conflict Scale. *Child Development, 63*, 558-572.
- Kline, G. H., Wood, L. F., & Moore, S. (2003). Validation of modified family and interparental conflict scales for use with young adults from divorced and non-divorced families. *Journal of Divorce & Remarriage, 39*, 125-142.

- Maia, J. A. R. (1996). Um discurso metodológico em torno da validade de construto: Posições de um Lisrelita. In L. S. Almeida, S. Araújo, M. M. Gonçalves, C. Machado & M. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Vol. IV* (pp. 43-59). Braga: APPORT.
- Skopp, N. A., McDonald, R., Manke, B., & Jouriles, E. N. (2005). Siblings in domestically violent families: Experiences of interparental conflict and adjustment problems. *Journal of Family Psychology, 19*, 324-333.
- Ulu, I. P., & Fisiloglu, H. (2002). The relationship between turkish children's perceptions of marital conflict and their internalizing and externalizing problems. *International Journal of Psychology, 37*(6), 369-37.